

Revista da SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA

AC
PERIÓDICO
U.F.F.A.
BIBLIOTECA CENTRAL

Diretor Responsável
VICENTE MAURINO

PUBLICAÇÃO MENSAL DA
SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA
Rua Formosa, 367 - 19.º andar - Fones: 32-501 e 32-5915
SÃO PAULO - BRASIL

ANO XXXV - Nº 406
FEVEREIRO — 1955

Redator-Chefe
Dr. Maacy Expedito Marret Vaz Guimarães

Assessor Técnico de Pecuária
Dr. Walter Carvalho de Miranda

A SITUAÇÃO DO CAFÉ

ANTONIO DE QUEIROS TELLES

Na mais promissora das posições estatísticas que tem tido esse produto, usufruindo de uma situação privilegiada como talvez nunca antes tivera, a intromissão humana nas leis da natureza culminou em transformar um caso típico de singular prosperidade, bem-estar e esperança num impasse de catastróficas dimensões.

O infeliz decreto federal de 3 de junho que estabeleceu o preço mínimo de 87 cents foi a gota d'água que transbordou o recipiente transformando uma situação promissora em tétrica.

Tivesse o governo de então pelo Ministério da Fazenda ponderado devidamente e com antecipação e prudência tomado suas providências, não se mostrando afoitamente favorável a uma demarcação de limite mínimo de preço que não correspondia à realidade porque era fictícia, fruto de especulações bolsistas, portanto de cotações anormais que não representavam a realidade, e teríamos por certo, evitado tamanho descalabro.

A situação atual do café é um exemplo frisante, e tristíssimo para nós que lhes sofremos as duras consequências, da intromissão humana estabelecendo dirigismo em assuntos econômicos confirmando a regra de que o dirigismo na economia é torná-la sempre «mal dirigida».

Na posição especialíssima em que se encontra o mundo conturbado por tamanhas conflagrações e consequentes destruições, o período da paz não chega a ser suficiente para nos conduzir a um estado que permita, ainda que parcialmente, nos setores da economia e do comércio internacional, uma era de relativa liberdade. Complica-se ainda mais esse estado de coisas com o problema cambial criado em todo o mundo e de difícil solução. O que esse problema entrava em matéria das trocas internacionais embaraçando a livre circulação das riquezas, causando imponderáveis males às nações, impedindo que os povos possam livremente trocar seus produtos empobrecendo-os e privando-os de gozar de uma situação de largueza e bem-estar, é simplesmente fantástico. E o acompanha a inflação monetária que é um cancro a corroer a nação. Cria ela castas de

ricos e enriquecidos pelos meios mais duvidosos, empobrecendo a grande maioria da população, vindo depois o governo a criar órgãos controladores de preços de palpável e reconhecida incoaditude.

Forçoso é, portanto, chegarmos à conclusão, já muito apregoadada, de que não é permitido abusar impunemente das leis da natureza. Precisamos compreender que a produção do café em nossa terra precisa acompanhar a concorrência do resto do mundo, sem o que seremos fatalmente desalojados dos mercados internacionais.

As cotações que agora prevalecem são as que existiam antes da geada de 1953, portanto cotações que julgamos francamente aceitáveis pelo consumo, capazes de não influir no aumento das plantações do mundo e permitindo, por consequência, o alargamento do consumo, cuja propaganda não deve ser descuidada, batendo-se no ponto principal, sem o qual nada conseguiremos, da supressão ou diminuição dos direitos de entrada que afatam enormemente o consumo cafeeiro nos países europeus e em outros continentes.

De nossa parte, no que toca à política cambial seguida pelo governo, é necessário evitarmos as manifestações e críticas, e os responsáveis cobrirem as constantes declarações sobre o melindroso assunto, em face de um mercado em estado delicadíssimo, susceptível de não suportar emoções que o mantenham em permanente sobressalto.

A tendência do mercado, quer nos parecer, é de ter atingido o seu fundo. Pensamos não haver mais propensão e reduções de preços, ou pelo menos sensíveis.

Aguardemos com serenidade o desenrolar dos acontecimentos, nunca, porém, sem continuarmos atentos à situação do nosso produto, que precisa ser economicamente real, acompanhando a do resto do mundo. Tudo isso sem abandonarmos a propaganda do café por todos os meios e formas, ou seja, de vendermos o produto colocando-o nos mercados mundiais e não formando estoques armazenados no país.